

## **Adorno e a construção da teoria crítica da sociedade**

---

***Edineide Jorge dos Santos***

*Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE*

*Professora da Rede Pública Estadual de Pernambuco*

***Maria Jorge dos Santos Leite***

*Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará-UFC*

*Professora da Universidade de Pernambuco*

DOI: 10.47573/aya.5379.2.102.14

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a contribuição de Theodor Adorno, em parceria desenvolvida em parceria com Max Horkheimer, para o desenvolvimento da teoria crítica, a qual entendemos como a negação de todo e qualquer processo de alienação do sujeito, mediatizado pela indústria cultural que conduz a sociedade para um estado de barbárie. Trata-se de um estudo bibliográfico e de caráter qualitativo. Um dos aspectos mais importantes na teoria crítica de Adorno e Horkheimer é a busca da superação das visões unilaterais que comprometem a compreensão da realidade social.

**Palavras-chave:** escola de Frankfurt. dialética do esclarecimento. indústria cultural.

## ABSTRACT

This work aims to analyze the contribution of Theodor Adorno, in a partnership developed in partnership with Max Horkheimer, to the development of critical theory, which we understand as the denial of any and all processes of alienation of the subject, mediated by the cultural industry that leads society to a state of barbarism. This is a bibliographic and qualitative study. One of the most important aspects of Adorno and Horkheimer's critical theory is the search to overcome the one-sided views that compromise the understanding of social reality.

**Keywords:** Frankfurt school. dialectic of enlightenment. cultural industry.

## INTRODUÇÃO

A teoria crítica foi desenvolvida pelos autores da Escola Frankfurt na Alemanha. Seus representantes integraram a escola no período compreendido entre a década de 1930 até por volta da década de 1970. Durante o nazismo foram exilados do país de origem e continuaram sua produção nos Estados Unidos, retornando à Alemanha após o fim da Segunda Guerra. A produção desses intelectuais é marcada pela consistência crítica/argumentativa e pela conjugação entre o materialismo dialético de Marx e a psicanálise de Freud. Os principais representantes foram: Max Horkheimer; Theodor Adorno; Herbert Marcuse; Walter Benjamin e Jurgen Habermas.

Neste trabalho, interessa-me particularmente, analisar a contribuição de Adorno - e consequentemente de Horkheimer devido a parceria intelectual dos dois autores - para a elaboração da teoria crítica. Nesse sentido - e não pretendendo aqui dar conta de todo pensamento adorniano na fase da teoria crítica - analisarei o pensamento do autor em relação às seguintes questões: a teoria crítica da sociedade, a teoria da ideologia, a dialética do iluminismo e a indústria cultural. O trabalho consistirá, basicamente, numa (re)leitura do pensamento de Adorno a partir da obra Theodor W. Adorno (1994), de Gabriel Cohn(org), contando ainda com a contribuição de outros autores.

## A ESCOLA DE FRANKFURT E O DESENVOLVIMENTO DA TEORIA CRÍTICA

Adorno foi um dos grandes pensadores das questões filosóficas e sociológicas dos últimos tempos e um dos principais representantes da Escola de Frankfurt. Como filósofo, versando a tradição idealista alemã, desenvolveu uma teoria da estética, com uma discussão do entretenimento popular. Como sociólogo fez uma análise profunda da razão instrumental, da cultura moderna, do caráter autoritário, com base no pensamento de Weber e Freud. Para muitos dos leitores de Adorno seu pensamento é bastante difícil e sua obra foi escrita num estilo que prejudica sua compreensão. Segundo Zuin e Pucci(orgs), “não se explica Adorno em termos adornianos. Ou seja, o mero reiterar e parafrasear do original não adianta. Explicação é verificação, exigindo, portanto perspectivas e exemplos divergentes do assunto a ser explicado” (2004, p. 42). Apesar dessa dificuldade o pensamento de Adorno é um dos mais influentes na atualidade.

Uma das preocupações de Adorno estava voltada para a miséria do mundo e a dominação. Para ele, a história da civilização se baseia na dominação da natureza, na repressão e na existência de sistemas sociais opressivos que negam a condição humana. Deriva daí a sua “dialética negativa”, que envolve não somente a revelação de como os conceitos da vida diária marcaram a realidade social, mas também demonstra como a contradição entre verdade e ilusão diz muito sobre como a vida moderna é sentida” (CARRABINE, 2007, p.19). Adorno tem uma visão desesperançada da modernidade e uma perspectiva pessimista da indústria cultural, embora deixe transparecer uma esperança através da qual imaginou “um mundo livre de sofrimento desnecessário”. Embora, não tenha produzido nenhuma teoria que vislumbresse uma alternativa utópica de sociedade.

A produção intelectual de Adorno está ligada, desde sua juventude, à de Max Horkheimer, um filósofo com quem compartilhava dos mesmos interesses estético, e que colocou-o em contato com o Instituto, ou Escola de Frankfurt. Numa tentativa de afastar a Escola de Frankfurt do movimento operário e romper com o marxismo ortodoxo e conferi-lhe uma identidade genuinamente acadêmica, Horkheimer criou a expressão “teoria crítica” para delimitar a nova abordagem adotada pelo Instituto.

A primeira fase da teoria crítica da Escola de Frankfurt se constituiu até o limiar dos anos 1940, segundo Habermas. Para este autor, até então, Adorno e Horkheimer adotaram, de modo privilegiado, a crítica marxiana como núcleo de suas análises e reflexões, pretendendo demonstrar que, na moderna sociedade capitalista e técnico-industrial, a validade da teoria não conseguiu se dissociar adequadamente das relações de poder inerentes ao contexto de sua gênese e desenvolvimento (RECH, s/d, p.29-30).

Na Universidade de Frankfurt, em 1933, Adorno apresentou pontos fundamentais de seu pensamento.

Ele delineou sua própria combinação característica dos pensamentos “dialético” e “materialista” como forma de desmistificar as práticas sociais. Mas como diz Susan Buck-Morss, “apesar da sua dívida para com Marx e de ser chamada marxismo, não se tratava de marxismo... Ao longo de toda sua vida ele divergiu de Marx fundamentalmente na medida em que sua filosofia nunca incluiu uma teoria da ação política” (CARRABINE, 2007, p. 20).

## SOBRE A TEORIA CRÍTICA DA SOCIEDADE

Era proposta dos pensadores de Frankfurt – Adorno e seus parceiros intelectuais - formular uma teoria crítica da sociedade que pudesse tratar das questões suscitadas pelo advento

do fascismo, no campo do capitalismo, do stalinismo e no campo socialista. Sendo que a teoria crítica da sociedade era basicamente uma teoria da sociedade burguesa. Para isso, os autores da teoria crítica, com Adorno e Horkheimer à frente, precisaram abrir caminho entre, de um lado, as tendências irracionalistas do pensamento burguês dominante e o segmento analítico do materialismo histórico empobrecido, de outro. Com isso, acharam-se diante das vertentes do pensamento positivista, herdeiras do racionalismo iluminista que, na mesma perspectiva dos frankfurtianos, desejavam figurar como baluartes de uma razão ameaçada pela barbárie. Esse embate levou a crítica da sociedade a direcionar sua atenção sobre a forma mais avançada da racionalidade burguesa, afastando-se do confronto com os apologistas da barbárie. Tem-se então, a crítica da própria racionalidade burguesa, da qual deriva a base da teoria crítica da sociedade: a crítica racional da razão burguesa.

A discussão da teoria crítica da sociedade, que culmina numa teoria da cultura e da ideologia, encontrou sustentação nas análises econômicas e políticas feitas por muitos frankfurtianos. Essas análises ofereciam os parâmetros para as diferentes posições assumidas pelos integrantes de Frankfurt em relação a natureza do capitalismo. Para alguns membros do Instituto, entre eles Herbet Marcuse, “o regime fascista organizava-se economicamente como um “capitalismo monopolista autoritário”, cuja dinâmica básica exacerbava, mas não alterava estruturalmente o capitalismo privado” (COHN, 1994, p. 10).

Se opunha a essa posição, a tese defendida pelo economista Friedrich Pollock com o apoio de Adorno e Horkheimer. Entendiam os autores, que “o nacional-socialismo, sem ter abandonado o capitalismo, representava contudo a vertente totalitária de uma nova forma de organização capitalista, que Pollock designava por “capitalismo de Estado”(idem). A diferença entre estes e os outros frankfurtianos, segundo Cohn (1994), é mais de grau do que de qualidade, uma vez que todos analisam sistemas econômicos, que sem deixarem de ser capitalistas, ou seja, sem modificar o regime de propriedade dos meios de produção nem a apropriação da mais-valia sob a forma de lucro privado que sustenta o grau de concentração monopolista e controle estatal. Entretanto há uma diferença: enquanto para os primeiros, “a dinâmica nuclear do sistema continuava se desenvolvendo na esfera econômica - a tese do “capitalismo de Estado” postulava o deslocamento do primado do capitalismo da economia em relação ao conjunto da sociedade para o da política” (COHN, 1994, p.10).

Para Horkheimer e, especialmente para Adorno:

Isso não significava nenhuma restrição à forma capitalista de organização da sociedade, mas pelo contrário, exprimia a universalização da lógica capitalista, centrada na troca de equivalentes para a sociedade como um todo. Ou seja: o primado da política sobre a economia no capitalismo de Estado, longe da circulação de produtos sob forma de mercadorias como momento determinante do processo de produção, lhe confere o máximo de alcance e relevo como domínio privilegiado da ideologia (COHN, 994, p. 10-11).

O controle político sobre a produção e a distribuição imposto pelo planejamento econômico ligado ao controle sobre a classe trabalhadora se desloca para a área mais “leve”, a da circulação de mercadorias, local das representações ideológicas da sociedade e da reprodução de todo o processo. Por isso a reflexão crítica sobre a sociedade na etapa tardia do capitalismo passa por uma teoria da ideologia.

## A TEORIA DA IDEOLOGIA

Ao longo de sua obra Adorno desenvolve uma concepção ideológica de alguns pontos fundamentais do marxismo. Para o autor, a ideologia não está reduzida a um sistema de idéias ou representações culturais, nem representa uma característica de alguma modalidade de consciência social. Ela é, sim, um processo responsável pela formação da consciência social. É, acima de qualquer outra coisa, um processo complexo no qual as idéias e representações são simples formas mais acabadas e acessíveis à experiência cotidiana. A ideologia, para Adorno é aparência socialmente necessária, isso porque a consciência nos integrantes se atém à forma já acabada – a única consciência que aparece. Essa forma acabada resulta de um processo complexo, esconde a sua face e aparece como um dado original e natural. A eficácia da ideologia consistem na sua capacidade de bloquear o acesso aos resultados da atividade social como produtos, em face da ocultação dos modos como foram produzidos.

No pensamento de Adorno a ideologia apresenta os dados da experiência social como *mediados*, quando realmente são mediados pelo processo que os produziu. A produção de idéias e representação consiste num processo multifacetado cujas dimensões fundamentais são as diferenças qualitativas entre seus componentes. Entretanto, esse processo é apagado de seu produto final, e quando isso acontece ele também perde a sua característica de ser diferenciado, particular e se manifesta de forma mais abrangente, mais geral. Dessa forma, o dado ideológico é o da experiência social que não se reconhece no particular e dissolve no geral. Para Adorno isso não é instrumento nas mãos de indivíduos ou classes, nem de cortina para ocultar algo, mas de falsa experiência social. Falsa pela sua incapacidade de reconhecer e realizar sua própria verdade, que é a de ser resultado de uma atividade social determinada.

É essa experiência falsa que possibilita a reprodução da totalidade social dada, através de homens que a vivem e a executam. Daí o seu caráter necessário. E, finalmente, “a ideologia é um processo que assegura o primado geral do abstrato e formal sobre o particular concreto e substantivo, da identidade sobre a diferença” (COHN, 1994, p. 12). Fazer uma crítica da ideologia significa, portanto, assumir o partido da diferença, da particularidade, contra a supremacia da identidade e da generalidade. Mas isso deve ser feito dentro do próprio processo ideológico, sob pena de ser absorvido por ele, pois a particularidade isolada é a própria ideologia.

No capitalismo de Estado totalitário (fascismo) a aparência ideológica da igualdade assume a forma política da identificação com a “comunidade do povo” defendida pelos nazistas. A identidade é imposta pela força e pelo terror. É uma forma regressiva e é, por assim ser, que necessita do capitalismo nessa fase histórica. Ao tempo em que as desigualdades decorrentes da exploração da força de trabalho não aparecem como diferença mas como exclusão.

Na versão da teoria crítica da sociedade, com a colaboração de Adorno e Horkheimer, chega-se à elaboração da ideia de que a reprodução da sociedade burguesa se faz por processos que passam pela consciência dos homens e passa pela configuração socialmente determinada dos próprios homens que, no final, a reproduzem. Esse sistema se sustenta e se reproduz através da ideologia.

## ADORNO E A DIALÉTICA DO ESCLARECIMENTO

A obra em que esse tipo de análise se manifesta plenamente é a “Dialética do Iluminismo”, escrita por Adorno e Horkheimer durante a segunda guerra e publicada em 1947. A versão em português foi publicada pela Jorge Zahar Editor, em 1985, com o título de “Dialética do Esclarecimento”. Nela há uma referência “ao momento real da sociedade burguesa como um todo sob o ângulo das idéias corporificadas em suas instituições e pessoas” (COHN, 1994, p. 14). Também a racionalidade burguesa é posta em questão na sua forma mais ampla: “não só aquela produzida pela sociedade burguesa mas a que a reproduz”(idem). A tese básica da obra é que a razão burguesa - a mesma responsável pela produção e reprodução da sociedade burguesa - ao tentar combater o mito de forma não-reflexiva, transformou a si mesma em mito, sem deixar de se apresentar como razão. Isso ocorre à medida em que o mito que ela acreditava ter combatido continua vivo e atuando dentro dela. E, num momento regressivo vai, ela própria, se transformar em mito. Na mesma obra, “Adorno e Horkheimer desmascaram a racionalidade iluminista que cede à razão instrumental, acabando por recair, de modo inconsistente, em seu contrário, o mito” (RECH,s/d, p.3).

Os autores se preocupam com uma crítica do iluminismo e da razão burguesa sem tentar desqualificá-la, mas para “cobrar dela a realização de seus princípios e de suas promessas” (COHN, 1994, p.15). Logo na introdução da obra eles afirmam não terem dúvidas de que a liberdade na sociedade é inseparável do pensamento iluminista. Da mesma forma, acreditam que o próprio conceito de liberdade, as formas históricas concretas, as instituições às quais ele se une, já pertencem ao retrocesso observado por eles em toda parte. E que se o iluminismo não refletir sobre esse momento regressivo, ele mesmo estará consolidando seu destino.

Adorno e Horkheimer demonstram a percepção de um certo componente destrutivo do progresso, e que a percepção desse não pode ficar à mercê dos inimigos. Se isto acontecer haverá uma esterilização do pensamento e uma perda de sua relação básica que é com a verdade. Isto não trata-se de uma crítica à razão, mas “uma crítica em que a imagem que a razão ostenta lhe é exibida de volta por quem quer vê-la efetivamente realizada” (idem). Em outra passagem os autores afirmam que progresso é inexorável e regressão inexorável. Progresso e regressão, razão e mito, tudo é inexorável, é inescapável. A paralisia da razão iluminista diante da verdade, que teme o mito que não foi superado, não é paralisia do momento, mas da reflexão. E isso corresponde ao momento descontrolado do progresso que arremete às cegas.

Não se trata de detê-lo, mas de abrir-lhes os olhos, para que faça justiça à sua pretensão iluminista. Porque é isso que o iluminismo antes de mais nada se propõe: combater o medo. E, no entanto, ele próprio é agora presa do medo, e do pior de todos, do medo da verdade, da sua verdade [...] Para a razão iluminista o medo sempre foi produto da ignorância. Mas a própria história da razão burguesa desmente essas concepções simples. O medo que paralisa o iluminismo não se nutre da ignorância mas de um conhecimento inconfessado, e inatingível sem uma reflexão capaz de romper as ilusões simples e lineares (COHN, 1994, p.15-16).

Para Adorno e Horkheimer não há uma questão de conhecimento ou ignorância na relação entre razão iluminista e mito. A relação é, pois, de cumplicidade. A razão tenta avançar, mas gira em torno do falso. Esse tema é fundamental no pensamento de Adorno. Ele próprio incorporou essa preocupação ao analisar os processos ideológicos e afirmar que a ideologia não é algo imposto de fora aos sujeitos passivos, há sempre uma cumplicidade, há sempre uma aceitação por parte daqueles que a sustentam. “Enfim, a ideologia faz mais do que submeter ou iludir os

homens: ela os põe a seu serviço, demanda deles um esforço – trabalho de Sísifo talvez, mas nem por isso passivo (COHN, 1994, p. 16).

O livro aborda, de forma alegórica, a história da razão ocidental” como um processo em que cada movimento filosófico, na história da cultura, toma para si a responsabilidade de desmitologizar o pensamento (GHIRALDELLI JR, 2006). Isso ocorre, ao passo em que cada doutrina acusa a outra de conter ainda elementos não purificados de mitologia, na medida em que estão atravessadas por pressupostos metafísicos.

Segundo Freitag, mencionando Habermas, “Dialética do Esclarecimento” é um divisor de águas no pensamento de Adorno e Horkheimer, uma vez que até então, eles haviam mantido certa confiança na razão crítica, que se imporia no decorrer do processo histórico. Acreditavam que, a humanidade cumpriria com a promessa humanística, já contida na concepção de Kant, de razão libertadora. A razão, assim, se realizaria com a liberdade. A “Dialética do Esclarecimento” representa uma ruptura com esse pensamento. A partir de então, para os autores, o sistema capitalista e sua reificação no mito da modernidade estariam “deturpando as consciências individuais, narcotizando a sua racionalidade e assimilando os indivíduos ao sistema estabelecido.” (FREITAG, 2004, p.21).

## **SOBRE A INDÚSTRIA CULTURAL**

Na década de 1940, num contexto de avanço dos meios tecnológicos e do liberalismo norte-americano e sob o impacto dos governos autoritários, Adorno e Horkheimer refletiram sobre a cultura e sobre a incorporação dos meios técnicos aos bens culturais. Nesse contexto, os autores assumiram um posicionamento crítico sobre a relação entre arte e industrialização, desenvolveram uma “dialética negativa”, acreditando que toda expressão cultural seria transformada em produto, ou seja, em “indústria cultural”.

Para Adorno a cultura é aquele estado de coisa que, quando definido, desaparece. Aqui o autor expõe sua concepção do processo cultural e revela seu modo de pensar em geral. Um pensamento nada fácil de ser compreendido por quem espera de Adorno definições claras e definitivas. Pois ele não fixa o objeto para examiná-lo com um olhar atento, ele olha-o em busca de coisas e idéias com as quais tem afinidades, ajusta-se a ele e exercita sua crítica imanente. Essa crítica, diz Adorno, deve captar nos fatos a tendência que os extravasa. Outra característica de seu pensamento vem à tona:

a exigência de prosseguir a reflexão onde os outros se detém [...] parar a reflexão, deter o movimento crítico antes que se esgotem as possibilidades dadas do objeto e se ganhe acesso às tendências que ele contém ( no duplo sentido do termo), é o que há de pior para adorno: chama-se resignação (COHN, 1994, 18-19).

Destarte, um dos elementos da crítica de Adorno ao pensamento que denominou de positivista ou iluminista, no livro escrito com Horkheimer, é exatamente que seu receio de seguir em frente com a reflexão o levaria à resignação com aquela situação em curso.

O termo indústria cultural, segundo o próprio Adorno, foi empregado pela primeira vez no livro *Dialektik der Aufklärung* que publicou com Horkheimer em 1947, em Amsterdã. Em seus esboços tratavam do problema da cultura de massa, a expressão passou a ser substituída por “indústria Cultural”. Adorno fala da cultura dentro numa perspectiva da cultura como mercadoria.

Entende ele, que na indústria cultural, a cultura subordina-se à indústria, no seu significado mais arcaico, ou seja, a indústria como o engodo, uma cilada, uma manobra. O fato é que a indústria cultural não se realiza nem como indústria, nem como cultura, pois não há um processo mediador que possa unificar os dois polos.

A indústria cultural, ao juntar elementos já existentes, atribui-lhes uma nova qualidade. Em todos seus ramos fazem-se produtos adaptados ao consumo das massas e em grande medida determinam esse consumo. Os ramos da indústria cultural assemelham-se por sua estrutura ou ajustam-se uns aos outros. Eles somam-se para constituir um sistema, graças à técnica, à concentração econômica e administrativa. A indústria cultural é a deliberação imposta de cima para baixo aos seus consumidores. Esse processo força a união de domínios, separados há milênios, o da arte superior e da arte inferior, com prejuízos para ambos. Pois, arte superior se frustra, e a arte inferior perde, através de sua domesticação civilizadora, o seu elemento de natureza rude, que lhe pertencia enquanto o controle social não era total.

Na medida em que nesse processo a indústria cultural inegavelmente especula sobre o estado de consciência e inconsciência de milhões de pessoas às quais ela se dirige, as massas não são então, o fator primeiro, mas um elemento secundário, um elemento de cálculo; acessório da maquinaria. O consumidor não é rei, como a indústria cultural gostaria de fazer crer, ele não é sujeito dessa indústria, mas objeto (ADORNO, 1994, p.93).

Na época da criação do conceito de indústria cultural por Adorno e Horkheimer, os meios de comunicação de massa, como o rádio e o cinema, tornaram-se um poderoso instrumento que as elites urbanas procuraram manipular, projetando na ordem simbólica um desejo de padronização de hábitos, de consumo e de comportamentos. Percebendo todo esse movimento, Adorno e Horkheimer se posicionam criticamente em relação à cultura contemporânea que confere a tudo um ar de semelhança, homogeneizando não apenas as obras arquitetônicas, mas as práticas, os costumes, as expressões artísticas culturais.

Para os autores, a técnica ao buscar a unidade e a coesão estaria a serviço do poder e da dominação. Essa é uma das formas pela qual a indústria cultural exerce seu controle sobre os consumidores, é por meio da diversão: divertir-se significa estar de acordo com o que está posto. A diversão, nesse sentido, se transformou num “prolongamento do trabalho no capitalismo tardio” e passou a ocupar todos os espaços e sentidos do homem, favorecendo a resignação e a fuga da vida cotidiana sem sentido. A técnica, a mecanização, passaram a exercer grande poder de controle sobre a pessoa em momentos insuspeitos: no lazer, na sua felicidade. Aqui entra o papel ideológico da indústria cultural: ela determina tão profundamente a fabricação das mercadorias destinadas à diversão, que as pessoas não podem mais perceber outra coisa senão as cópias que reproduzem o próprio processo de trabalho.

Para Marilena Chauí (2001), o que se vê no processo analisado por Adorno e Horkheimer são as artes sendo submetidas a uma nova servidão: as regras do mercado capitalista e a ideologia da indústria cultural, baseada na ideia e na prática de consumo de “produtos culturais” fabricados em série. As obras de arte são mercadorias, como tudo que existe no capitalismo. A arte perdeu seu encantamento, mas não se democratizou, massificou-se para o rápido consumo do mercado da moda e dos meios de comunicação de massa. Sob o controle econômico e ideológico das indústrias de produção artística a arte se transformou num espetáculo para ocultar a face negativa do sistema: a exploração do trabalho.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Adorno é considerado um autor de uma literatura filosófica particularmente difícil e, às vezes, inacessível ou impraticável. Comenta-se, inclusive, que na obra a “Dialética Negativa”, as passagens mais compreensíveis são as citações de Hegel. Considerando que o pensamento deste autor é particularmente difícil, a leitura de Adorno demanda um grande esforço intelectual para ser compreendida. Cohn (1997), assevera que quem gosta de tudo pronto e bem arrumado não dever ler Adorno; essa é uma leitura para quem se dispõe a participar de uma experiência instigante e fecunda.

Poder-se-ia deduzir que a obscuridade e a negatividade presentes na obra de Adorno deve-se às circunstâncias sociopolíticas da época em que desenvolveu seu pensamento. As experiências de sua geração foram marcadas pelos fascismos de direita, as ditaduras de esquerda e pelas impressões do exílio. Entretanto, sua experiência não passa pela militância do partido, como aconteceu com Lukács e outros, mas se confronta diretamente com aquela conjuntura sobre a qual ele reflete em sua obra de exílio durante a guerra dedicada à “triste ciência” da boca da conduta da vida, mínima moralia (COHN, 1994).

Adorno se enxergava numa relação teórica com o momento histórico em que vivia. Essa relação era voltada para uma reflexão crítica com base na dialética materialista e, dessa forma, construiu a teoria crítica da sociedade, “na qual o adversário do gesto dominador foi incluído”(idem). Numa sociedade que transpira ideologia, a teoria social precisa ser uma crítica substancial dessa ideologia, e foi essa a grande preocupação de Adorno. Por cuidar tanto da questão da crítica, os seus textos metodológicos foram apenas trabalhos de ocasião, de importância secundária no conjunto de sua obra.

Por produzir uma obra toda atravessada por questões como: a teoria crítica, a obscuridade e a negatividade é que o destino de Adorno, segundo Carrabine, vem oscilando desde sua morte. “Uma queixa comum é a de ele ter sido um elitista intransigente cujo pensamento oferece pouco para nossos tempos tão diferentes (CARRABINE, 2007, p. 23). No entanto, uma das críticas mais severas ao pensamento de Adorno encontra-se na avaliação que Habermas - ex-aluno de Adorno- fez de a “Dialética do Esclarecimento”. Para Habermas, a razão instrumental não é tão presente nem tão abrangente como Adorno pensava. E que, politicamente, Adorno dificultava a possibilidade de realização dos objetivos da teoria crítica e eliminava filosoficamente qualquer possibilidade de análise racional dessas condições.

Tais críticas parece não terem abalado o interesse pelo conhecimento da obra de Adorno. Ao contrário, elas têm ajudado abrir caminhos para outras leituras do autor frankfurtiano. Os autores pós-coloniais, por exemplo, encontraram em a Mínima Moralía de Adorno relatos lúcidos do exílio; enquanto as feministas utilizaram a “Dialética Negativa” para desmascarar sua afetividade. O que mostra que o pensamento do autor tem possibilidade de aplicabilidade e que por isso mesmo não pode ser relegado ao ostracismo.

A importância de Adorno está no fato de que sua obra “é facilmente caricaturada, mas são a sutileza e a profundidade de seu pensamento que asseguram que ela se mantenha no primeiro plano da teoria social contemporânea”(CARRABINE, 2007, p.23).

Com este estudo foi possível evidenciar, que os pressupostos da Teoria Crítica permi-

te-nos uma compreensão da complexidade das relações sociais. A origem da teoria, a partir do pensamento crítico de Marx sobre a política econômica da sociedade, rompe com a pretensa neutralidade científica do pesquisador ao estudar a realidade social do seu tempo. Os principais teóricos críticos, oriundos da Escola de Frankfurt, reconhecem que as relações sociais são influenciadas pelo desenvolvimento econômico, mas reconhecem também a influência de outros aspectos provenientes do contexto social. Nessa perspectiva, a Teoria Crítica estimula os pesquisadores a questionarem e frequentemente suas visões de mundo, abandonando a postura simplista que se diz dotada de neutralidade.

Um dos aspectos mais importantes na teoria crítica de Adorno e Horkheimer é a busca da superação das visões unilaterais que comprometem a compreensão da realidade social. Isto evidencia-se principalmente na crítica ao positivismo e à metafísica, na qual Horkheimer aponta para a incapacidade de ambas tradições em estabelecer uma relação dialética entre filosofia e ciências empíricas.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. A indústria Cultural. In: COHN, Gabriel (org). Comunicação e indústria cultural. São Paulo: Nacional, 1978.

CARRABINE, Eamonn. Theodor Adorno. In: SCOTT, John (org). 50 sociólogos fundamentais. São Paulo: Contexto, 2007.

CHAUÍ, Marilena. Convite à filosofia. São Paulo: Ática, 2001.

COHN, Gabriel (org). Theodor W. Adorno. São Paulo: Ática, 1994.

GHIRALDELLI JR, Paulo. Filosofia da Educação. São Paulo: Ática, 2006.

FREITAG, B. A teoria crítica: ontem e hoje. São Paulo: Brasiliense, 2004.

ZUIN, Antônio A. S. , PUCCI, Bruno e OLIVEIRA, Newton Ramos de(org). Ensaio Frankfortianos. São Paulo: Cortez, 2004.

RECH, Hildemar Luiz. Subjetividade, conhecimento e práxis: leitura sobre a “dialética negativa” e sobre outros aspectos da filosofia crítica de Theodor Adorno. (mimeo).s/l e s/d.